

Ritos fúnebres e cadáveres ultrajados: Homero e os direitos dos mortos

JACQUELYNE TAÍS FARIAS QUEIROZ*

O mundo grego conheceu várias maneiras de honrar os seus mortos. Segundo Burket (1993) a cremação seguida de sepultamento vai tornar-se mais usual a partir do século XII a.C, mas esse procedimento fúnebre vai coexistir com outros já utilizados anteriormente, como em Creta e Chipre, onde a inumação era realizada em sepulturas em forma de câmara, cúpula ou em simples covas na terra.

A incineração dos cadáveres ainda era desconhecida na Grécia na Idade de Bronze, apesar de já serem praticadas em Tróia VI/VII e ser mais usualmente utilizada no período proto-geométrico no século XI a.C., porém a partir do século VIII as inumações simples passaram a corresponder a aproximadamente trinta por cento dos funerais (BURKET, 1993). Existem várias teorias para explicar a realização do funeral somente com a inumação ou essa acompanhada com a cremação, que vão desde a falta de madeira na região para as incinerações até alterações na crença religiosa (BURKET, 1993).

A *Ilíada*, apreendida por Havelock (1996) como uma “enciclopédia homérica”, apresenta o tema do cuidados aos mortos como uma de suas preocupações centrais. O poema começa com a descrição de cadáveres insepultos e, em seu desenvolvimento, observamos várias passagens em que um guerreiro ameaça seu oponente prometendo não permitir que o outro obtivesse ritos fúnebres de seus familiares, bem como referências constantes ao medo dos heróis – não o medo da morte, mas o medo de, depois da morte, terem seus cadáveres ultrajados.

Através da análise e interpretação dos cantos da *Ilíada*, procuraremos descrever os ritos fúnebres realizados em honra dos heróis e a desonra cometida por outros, que se dedicam a impedir a realização de tais ritos. Além de todos os aspectos observados é inevitável associarmos os ritos funéreos com suas funções e significações sociais, pois

* Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Bahia (Fapesb).

conhecendo os ritos funéreos descritos por Homero vamos também perceber como os gregos fixavam hierarquias, reafirmavam padrões de cultura e realçavam conceitos que regulamentavam o mundo dos vivos.

Nos primeiros versos do Canto I da *Ilíada*, as Musas são invocadas para que expliquem as causas que levaram tantos heróis ao Hades e que fizeram muitos outros terem seus corpos ultrajados por seus inimigos, pois ficaram “eles próprios aos cães atirados e como pastos das aves” (Il. I. 4-5). O ultraje ao cadáver (*aikí sôma*) é um tema bastante abordado no poema, justamente por ser tão recorrente a não realização do que era devido a um cadáver.

A *Ilíada* descreve com muita precisão o medo que domina os combatentes frente à possibilidade de encontrarem em morte sem a devida homenagem a seus corpos. Em várias passagens, o foco central da narrativa concentra-se nas ameaças de ultraje, no temor em ter o corpo exposto, na tentativa de desfigurar o inimigo, na luta para proteger o corpo de outrem contra essas intenções, no ultraje em si e nos ritos funéreos devidamente realizados.

O ato de ameaçar o adversário, em campo de batalha, com promessas de ultrajes a seu cadáver era uma constante nos poemas homéricos. Essa atitude consistia em intimidar, afrontar e amedrontar o inimigo. Muitas das ameaças foram, na narrativa homérica, cumpridas, gerando descrições dos procedimentos de ultraje, enquanto que outras somente ficaram no plano das intenções ou ameaças. Podemos perceber isso na passagem em que Odisseu crava a lança nas costas de Soco e diz:

*Infortunado! Ao morreres, nem o pai nem a mãe venerada
vieram fechar os teus olhos, mas os corvos virão lacerar-te
as tenras carnes, aos bandos, batendo, ruidosos as asas.
Morra eu, porém, e os Aquivos dar-me-ão sepultura condigna.*
(Il. XI. 452-455).

Odisseu consegue matar Soco mas não consegue realizar o seu intento, porque logo é cercado pelos teucros, conseguindo se desvencilhar deles com a ajuda de Menelau e Ajaz. A ameaça consiste aqui afirmar que ambos têm a possibilidade de morrer, mas Odisseu no caso de ficar vivo, não permitirá que o adversário receba os ritos fúnebres, enquanto que ele morto os seus companheiros teriam a preocupação de

realizar os rituais porque ele enquanto combatente tem prestígio entre os seus companheiros. Essa ameaça também é uma maneira de dizer que ele se considera superior a Soco.

No canto XII Ajaz diz a Heitor que os aqueus ainda vão tomar os muros de Troia, logo em seguida a sua fala uma águia voando alto passa pela direita de Ajaz, o que na cultura grega denotava que Zeus havia se manifestado (VERNANT, 2006), concordando com Ajaz. Heitor fica tão enraivecido com as palavras de Ajaz que o ameaça dizendo que o matará e fará retalhos de sua pele com a lança e “junto às naus dos Acaios, então darás pasto com tuas pingues entranhas aos cães e abutres de Tróia” (Il. X. 831-832). Ou seja, a ameaça consiste em tirar-lhe a forma rasgando a sua carne e entregá-lo aos animais.

Em outro momento Apolo entra em campo de batalha no canto XV para dar vitória aos troianos, os aqueus em desvantagem retornam para os seus navios sob os gritos ameaçadores de Heitor: “Quem quer que alhures encontre, afastado das naves escuras, a morte, logo hei de dar-lhe. Os amigos e as amigas, não hão de os funerais prestar-lhe, entregando o cadáver as chamas, sim, ficará para pasto de cães ante os muros de Tróia” (Il. XV. 347-351). Novamente entra aqui em questão o fato do morto ficar impedido de ser chorado e prestigiado através do ritos funéreos pelos conhecidos e familiares.

Ainda se tratando de Heitor, este continua a ameaçar. Após árdua luta com Pátroclo, este é ferido por Heitor que o chama de “néscio” por acreditar que um dia os aqueus ultrapassariam os muros de Tróia para pilhar e fazer das mulheres da cidade escravas e porque ele não contava com a sua lança para proteger o seu povo e que por isso faria que os abutres troianos fizessem do seu corpo alimento (Il. XVI. 836). Essa ameaça quase é viabilizada; após Heitor matar Pátroclo em torno do seu cadáver foi travada grande luta entre teucros e acaios. Luta essa que será mencionada mais a frente.

Príamo, no canto XXII, ao conversar com Heitor menciona que se os deuses tivessem tanta feição por ele como ele tem pelos deuses, estes já tinham atendido as suas preces e teriam permitido que Aquiles tivesse tombado em campo de batalha e sido devorado pelos abutres, desta maneira a angústia que consumia o seu peito já teria sido aplacada, pois o pelida já havia tirado a vida de vários de seus filhos. Então Príamo

suplica a Heitor que não vá lutar com Aquiles porque de certo ele morrerá (Il. XXII. 37-45). A mãe de Heitor também pede que ele não vá a combate pois teme que pelos aqueus seja ultrajado porque

*Se te matar, infeliz, não virei a chorar-te, no leito
em que jazeres, pimpolho querido de minhas entranhas,
nem tua esposa de dote copioso; mas, longe de todos,
junto das naus dos Aquivos, aos cães servirás de repastos.*
(Il. XXII. 86-89)

Príamo também o lembra que o fato de ser rei não impediria que também fosse desonrado pelos aquivos através dos ultrajes, pois quando “houver da existência privado, com bronze agudo ferindo-me, ou seta de longe atirada, hão de arrastar-me ante os muros altivos os cães voadores, que à minha mesa criei para guarda do belo palácio” (Il. XXII. 66-69). Nesse caso não houve uma ameaça declarada por alguém, mas o temor de ser ultrajado depois de morto, pois desonrar um cadáver era considerado a maior maneira de humilhar o adversário.

O ultraje ao inimigo era ameaça constante e o temor de sofrer tal ultraje também era permanente nos escritos de Homero. Justamente por ser tão ofensivo é que por mais importância que se tenha um combate, este deve ser interrompido para que ambos lados da guerra possa reconhecer, recolher e dar honras fúnebres aos companheiros que tombaram em campo de batalha. A Ilíada ilustra bem esse momento no canto VII quando Nestor menciona que várias almas dos combatentes até aquele momento da guerra já baixaram ao Hades e então sugere que as atividades de guerra cessem durante um dia para que sejam recolhidos os cadáveres dos soldados do acampamento aqueu em carros puxados por bois com a finalidade de “queimá-los na pira sagrada, um pouco longe das naves, que os ossos possamos a cada filho entregar, quando a pátria querida por fim regressarmos” (Il. VII. 333-335).

Do lado troiano, Príamo tem a ideia similar de enviar Ideu ao acampamento dos aquivos propor que haja trégua enquanto são recolhidos os corpos dos teucros para realizar os ritos fúnebres necessários e que findado os ritos a peleja seja retomada vorazmente (Il. VII. 372-378). Ambos os lados aceitam a proposta de trégua temporária e selam o acordo com um juramento em nome de Hera (Il. VII. 405-412). Assim tanto troianos quanto aqueus dividem as tarefas entre os seus para queimar os cadáveres: uns

buscam madeira, enquanto outros recolhem os cadáveres e retornam para os seus respectivos acampamentos, porém “era tarefa difícil identificar os cadáveres, sem que, primeiro, com água os coalhos de sangue tirassem” (Il. VII. 424). O que dava a entender que a higienização inicial dos cadáveres era realizada ainda no campo de batalha.

Os ritos funéneos descritos por Homero na *Ilíada* destinados aos combatentes dos teucros e aqueus ocorreram de maneira coletiva, piras foram erguidas em cada acampamento onde os seus respectivos soldados foram queimados. Todo o rito durou um dia, não havendo banquete e jogos fúnebres. Homero também não cita a *prótesis*, exposição do corpo morto, nem que os soldados tiveram o lamento fúnebre, como mostra a passagem onde Príamo proíbe qualquer tipo de gritaria durante o funeral troiano, pois “em silêncio, o coração angustiado, às fogueiras os corpos entregam” (Il. VII. 427-428).

A consciência que ambos os lados da guerra têm, que os ritos fúnebres está incluído no seu *géras*, faz com que se interrompa a guerra em si para realizar tais ritos. Mas tal preocupação também é demonstrada na *Ilíada* como uma questão individual. Ou seja, o combatente enquanto indivíduo, independente do seu grupo procura por meio de acordos evitar o ultraje, como exemplo observamos Heitor que ao propor aos aqueus um duelo sugere:

caso, com bronze afiado, me venha a matar, que me tire esse guerreiro a armadura e a deponha em seu barco ligeiro; mas restitua meu corpo, que possam, depois, os Troianos e as veneradas consortes, á pira sagrada entregá-lo. Se Febo Apolo, porém, me fizer vencedor do adversário, despojá-lo-ei da armadura e, levando para Ílio sagrada, no templo irei pendurá-la de Apolo, frecheiro infalível, mas o cadáver será restituído aos navios simétricos, para que os Aquivos cacheados lhe dêem sepultura e um monumento lhe elevem na margem do lago Helesponto, para que possam dizer as pessoas do tempo vindouros, quando seus barcos de remos, cruzarem o mar cor de vinho: 'Eis o sepulcro de um homem que a vida perdeu há bem tempo, pelo admirável Heitor, em combate esforçado, foi morto'.
(Il. VII. 77-90).

É importante perceber nesse trecho as regras propostas por Heitor, em nenhum momento ele se esquiva da possibilidade de morrer ou de matar, ou mesmo de preservar a sua armadura, a sua real intenção é que o corpo daquele que perder o duelo seja respeitado e tenha o direito preservado de receber os ritos fúnebres, inclusive com

direito a monumento fúnebre como símbolo de glória para quem morreu e para quem matou nesse duelo.

No canto XXII durante a luta entre Aquiles e Heitor para vingar a morte de Pátroclo, o filho de Príamo tenta persuadir o pelida a fazer um acordo, através de um juramento tendo por testemunha Zeus, que aquele que morresse naquela luta privaria o adversário dos ultrajes. A resposta de Aquiles foi contundente e abastada de indignação:

*Odiosíssimo Heitor, não me fales em pactos solenes.
Como é possível entre homens e leões haver paz e confiança,
ou que carneiros e lobos revelem iguais sentimentos,
pois nutrem ódio implacável e danos meditam recíprocos,
não pode haver entre nós amizade nenhuma, nem pactos
ou juramentos solenes, até que um de nós caia morto
e, com seu sangue, a Ares forte sacie, o guerreiro incansável.
(Il. XXII. 261-267).*

A resposta de Aquiles como se vê é negativa, Heitor não consegue obter uma garantia em relação aos futuros ultrajes que seu cadáver possivelmente receberá. A peleja entre ambos continua, depois de luta árdua e Heitor ser abandonado pelos deuses Aquiles finalmente golpeia Heitor, este em vias de ver a sua alma ser expirada, abraça os joelhos de Aquiles e suplica: “não consentires que, junto das naves, aos cães atirado seja o meu corpo” (Il. XXII. 339-340). Junto com as súplicas de Heitor vem a oferta de muito ouro e bronze em resgate pelo seu corpo para que possa receber os ritos fúnebres e ter o seu cadáver entregue ao fogo. Novamente Aquiles nega a súplica de Heitor através das seguintes palavras:

*Nem por meus joelhos, cachorro, por meus genitores supliques.
Se em meu furor fosse, agora, eu levado a fazer-te em pedaços
e crus os membros comer-te, em vingança do que me fizeste,
como é impossível dos cães voadores livrar-te a cabeça!
Ainda que aos pés me trouxerem dez vezes o preço ajustado,
ou vinte vezes, até, com promessa de novos presentes;
ainda que o velho Dardânida, Príamo, ordene que a peso
de ouro se compre o cadáver, não há de em tua casa chorar-te,
como desejas, a mãe venerada a quem deves a vida,
mas como pasto serás para os cães e os abutres jogado.
(Il. XXII. 345-354)*

Como Homero descreve, com essas palavras Aquiles nega as súplicas a Heitor. Ao perceber que não teria como evitar que seu corpo fosse ultrajado, Heitor o avisa que

tal atitude pode atrair a vingança dos deuses contra ele. Mesmo assim, Aquiles não se intimida e cumpre a ameaça feita a Heitor, cobrindo o seu cadáver de ultrajes.

Nos campos de batalha, os combates eram travados não apenas para garantir a vida e a vitória, mas também para defender os mortos. Homero narra a preocupação de proteger o cadáver de outrem ou impedir que o corpo de alguém já tombado durante a peleja sofresse ultraje; para não permitir tal desonra ocorriam verdadeiras batalhas. Por alguns momentos os combatentes esqueciam a causa que os levaram até ali, o que importava era somente impedir o ultraje e proteger o corpo do companheiro, nem que fosse necessário matar outros tantos ou perder a própria vida para defender um cadáver.

Ao lutar contra os aqueus, Cebríones é morto por Pátroclo, a partir de então se inicia uma luta pelo seu corpo, mas Heitor o tenta proteger, pois “pela cabeça o cadáver Heitor segurou, sem largá-lo, enquanto Pátroclo o aferra pelo pé. Os demais combatentes, Teucro e Aquivos, em torno do corpo a lutar continuam” (Il. XVI. 762-764).

Segundo a descrição de Homero essa luta pelo corpo de Cebríones durou um dia inteiro, porque menciona que o Sol correu o céu até se inclinar no horizonte (Il. XVI. 777-779). Heitor fica à frente da luta que envolveu muitos combatentes teucros e acaios, no ímpeto de impedir que Cebríones sofra ultraje de Pátroclo. Por conta dessa situação Pátroclo tomado pela fúria mata vinte e sete homens (Il. XVI. 781-787). Porém Apolo permite que Pátroclo fique desprotegido, e este acaba sendo ferido por Euforbo, e logo em seguida é ferido mortalmente por Heitor sob a ameaça de entregar o seu cadáver aos cães e abutres de Tróia (Il. XVI. 830-841).

Em um momento anterior, Sarpédone é morto pelas mãos de Pátroclo, e então se inicia a luta em torno de seu corpo. Enéias expressa o seu temor a Heitor em perceber a possibilidade dos aqueus desonrarem o corpo de Sarpédone (Il. XVI. 544-547). Enquanto isso os Ajazes propõem aos aqueus “cobrir o cadáver de ultrajes e os companheiros que o cercam, com bronze matar implacáveis” (Il. XVI. 560-561). Zeus faz prolongar a noite para que a luta em torno do corpo de seu filho fosse maior.

A peleja foi rodeada por muitos combatentes de ambos os lados da guerra, muitos morreram pelo ímpeto de adquirir o corpo do filho de Zeus, Sarpédone. A agitação era tamanha, pois “movimentavam-se todos à volta do corpo, do mesmo modo

que moscas volteiam o estábulo ao redor das vasilhas, na primavera, no tempo em que o leite transborda dos tarros” (Il. XVI. 641-643).

Enquanto teucros e aquivos buscam a posse do corpo de Sarpédone, Zeus pede a Apolo que retire o cadáver de seu filho do campo de batalha, livrando-o dos ultrajes dos treucos, com o auxílio dos deuses Sono e Morte o levassem para a Lícia para que pudesse receber os devidos ritos funéreos conforme as instruções de Zeus e assim procede o deus arqueiro (Il. XVI 666-683). Ou seja, à sua maneira, Zeus não impede que seu filho enfrente a morte, mas não permite que o seu corpo seja ultrajado, que fique sem o seu *gêras*.

Segundo Chantraine (1977), *gêras* significa honra, privilégio e parte de honra reservada. A palavra latina que pode se adequar a essa concepção é *direito*, porque assim como o *gêras* conota distinção. Distinção que todo cadáver tinha direito a receber, independente de sua conduta na vida terrestre ter sido considerada boa ou má diante das noções de comportamento ético ou moral grega. Pois o homem não deveria que se tornar merecedor ou digno de tal honra, ao nascer os procedimentos fúnebres já estão incluídos em seu *gêras*. Ou seja, com base na noção de *gêras*, independentemente de qualquer circunstância, os homens no mundo homérico são merecedores dos funerais. Segundo Malta (2006), *gêras*, quando aplicado aos mortos, são as honras fúnebres, o funeral que se deve ao herói. O não cumprimento de tais ritos faz com que o morto se torne um “sem privilégio”; ou seja, fica sem o seu direito fúnebre garantido pelas forças divinas.

Se para os deuses (como no caso de Zeus e seu filho Sarpédone) a ausência dos ritos fúnebres e o ultraje ao cadáver é motivo de preocupação, os homens também não estavam isentos dessa aflição. Podemos perceber isso ao observarmos o canto XVII com seus 761 versos, pois praticamente todo ele é dedicado a cantar os feitos de Menelau para proteger o cadáver de Pátroclo do acesso ultrajante dos teucros. Assim se dá o início pela luta em torno do corpo de Pátroclo, ao perceber que o cadáver de seu companheiro de guerra caiu nas mãos dos dânaos, Menelau posiciona-se ao redor do corpo para protegê-lo, disposto a matara qualquer um que se atrevesse a aproximar-se de Pátroclo. Menelau mata Euforbo, mas quando se vê encurralado por troianos pensa em abandonar o corpo de Pátroclo, porém o medo de ser censurado pelos outros aqueus o faz desistir da ideia. Também percebeu que sozinho não conseguiria, por isso

abandona o corpo nas mãos dos troas e sai a procura de Ajaz para ajudá-lo nessa peleja. Ao encontrá-lo o aborda com as seguintes palavras: “ao menos o corpo levemos para o alto Pelida, nu como está, porque Heitor despojou-o das armas brilhantes” (Il. XVII. 121-122).

Nesse ínterim Heitor começa a arrastar o cadáver de Pátroclo com a intenção de corta-lhe a cabeça e “o corpo assim mutilado, jogar para os cães da cidade” (Il. XVII. 125-127). Mas Heitor acaba recuando diante do cadáver ao ver a presença de Ajaz e Menelau, porque Ajaz defendia o cadáver “sem trepidar, como leoa em defesa de seus cachorrinhos inexperientes, se caso os conduz pela mata e se defronta com caçadores; do grande vigor, de pronto, ela consciente, as sobancelhas contraem, ocultando nas dobras os olhos: em torno, assim, do cadáver de Pátroclo, Ajaz se movia” (Il. XVII. 133-137).

Em seguida Glauco afirma que não tem muito o que esperar de Heitor, pois este teve a coragem de abandonar o corpo de Sarpédone em campo de batalha e não importou se este seria entregue aos cães pelos aqueus, pessoa que foi o seu hóspede e quando vivo defendeu com ele os muros de Tróia. Enquanto que os aqueus não tinham essa natureza, tinham a honra em defender dos ultrajes os seus mortos.

Depois de ouvir essas palavras, Heitor propõe aos líderes e as tribos que apóiam Tróia nessa guerra que aquele que “conseguir arrastar para Tróia o cadáver de Pátroclo e o Telamônio obrigar a afastar-se, metade dos espólios de minhas mãos obterá” (Il. XVII. 229-231). Depois de ouvir a proposta de Heitor todos se atiraram contra os acaios. Mas o próprio Homero diz que os troas foram néscios, pois não sabiam que com tal atitude muitos deles perderiam a vida indo de encontro com Ajaz. Mas o Telamônio ao perceber que somente com Menelau não dariam cabo daquela situação, sugere que Menelau vá avisar aos heróicos aqueus que o corpo de Pátroclo se encontra em disputa. Dizendo ser impossível convencer um a um dos guerreiros acaios prefere em voz alta Menelau dizer “vinde espontâneos: revolta no peito abriga ante a ideia de se atirar o cadáver de Pátroclo aos cães Troianos” (Il. XVII. 254-256). Ouvindo o apelo muitos dos aqueus foram ao encontro de Menelau, são tantos que Homero coloca a seguinte questão: “A quem seria possível, no entanto, nomear de memória os que acorreram depois, reanimando a batalha dos Dânaos?” (Il. XVII. 260-261). Ou seja, nem com o auxílio das Musas o poeta daria conta de lembrar todos os nomes envolvidos nessa luta.

São tantas pessoas almejando o corpo de Pátroclo que Homero chega a comparar a imagem a duas ondas gigantes que se chocam, dada a violência da circunstância. A batalha durou todo o dia e “de ambos os lados, assim, o cadáver puxavam de Pátroclo em reduzido terreno, esperando os Troianos levá-lo para a cidade espaçosa de Príamo, e os Dânaos guerreiros para os bojudos navios” (Il. XVII. 394-397).

Muitos morrem nessa batalha em torno do cadáver de Pátroclo, nas palavras de Homero, “matam-se, entanto, sem pausa, ao redor do cadáver, os Teucros e os fortes Dânaos, armados de lanças cúspide afiada” (Il. XVII. 412-413). Depois de grande peleja Menelau e Ajaz Telamônio conseguem carregar o corpo de Pátroclo, o levando em fuga para os navios. E finalmente o cadáver de Pátroclo é entregue a Aquiles.

Até aqui observamos homens protegendo o cadáver de outros homens, porém os deuses também vão desempenhar essa mesma função, pois mesmo depois de onze dias Heitor tendo o corpo sendo o ultrajado por Aquiles (MALTA, 2006), o deus Apolo com piedade protege o cadáver o “cobrindo com égide de ouro para que no ato de ser arrastado não viesse a ferir-se” (Il. XXIV. 20-21).

Os deuses do Olimpo ficam tão indignado com a selvageria com que Aquiles agredia o corpo de Heitor, que pedem ao deus Hermes que roube o cadáver de Heitor para que cessem os ultrajes (Il. XXIV. 23-24). Apolo advoga em causa do filho de Príamo lembrando aos demais deuses que Heitor sempre fez boas libações e que em retribuição os imortais permitiam que Aquiles fizesse os ultrajes e ainda não tinham ao menos a coragem de salvar o seu corpo já sem vida para “Príamo e o povo Troiano, que logo á fogueira o entregariam, prestando-lhes as honras funéreas devidas?” (Il. XXIV. 37-38).

Zeus então junto com os outros deuses maquinam resgatar o corpo de Heitor, mas afirma que será difícil fazer isso as ocultas de Aquiles, porque ele tem como mãe a deusa Tétis. Então pensam em fazer desse detalhe a via para a concretização do objetivo dos deuses. Zeus pede que chame Tétis para que ela aconselhe a Aquiles a devolver o cadáver. Assim acontece, Tétis vai ao encontro do Pélide e o convence a entregar o corpo de Heitor em troca de ricos presentes, pois nas palavras da deusa dirigidas a Aquiles: “Diz o Tonante (Zeus) que se acham contigo irritado os deuses e ele ainda mais do que os outros, por seres assim obstinado e junto às naus o cadáver desnudo de Heitor conservares. Vamos entrega o cadáver e aceita resgate condigno” (Il. XXIV.

133-136). Enquanto Tétis convence a Aquiles, Hermes comunica a Príamo que ele reaverá o corpo do filho e ainda menciona o aspecto do cadáver de Heitor:

*Não lhe tocaram, meu velho, nem aves nem cães voadores;
ainda se encontra ante a nave de Aquiles,
junto da tenda. Já doze vezes seguidas, depois de ali estar,
veio a Aurora; nem se lhe alteram as carnes,
porém, nem lhas comem os vermes,
que tão vorazes os corpos devoram no campo de luta.
Certo é que Aquiles o arrasta ao redor do sepulcro do amigo,
sem reverência nenhuma, mal surge a manhã no horizonte; umas não o
estraga, ainda assim. Ficarias pasmado se visses, como esta rórido,
o cadáver, e limpo de sangue; mancha nenhuma aparece; fecharam-se
todos os golpes que recebeu, pois inúmeros Dânaos, à lança, o feriram.
Os deuses beatos, assim, de teu filho zeloso se mostram, ainda depois de
ser morto, pois era de todos querido.
(Il. XXIV. 411-423)*

Os ritos funéreos, de acordo com a descrição de Homero na *Ilíada*, são soma de procedimentos que podem variar de acordo as circunstâncias e status social. Quando a guerra é interrompida por ambos os lados para que se dêem os devidos funerais aos mortos em combate, ambos têm procedimentos similares: primeiro a identificação dos cadáveres através da limpeza dos mesmos com água (Il. VII. 424), uma parte dos guerreiros recolhem os corpos, os transportando em carros puxados por animais (Il. VII. 332-333), a outra parte dos combatentes vão em busca de madeira para fazer as piras sagradas (Il. VII. 417-420) e depois os corpos são cremados (Il. VII. 428-432).

Outros procedimentos funerários são mencionados por Homero, ao deus Apolo (a pedido de Zeus) cuidar do cadáver de Sarpédone, limpando-o em um rio, unguendo-o com um óleo divino, vestindo-o com um roupa imortal e pedindo que Sono e Morte o levem para a Lícia para que os seus familiares realizassem os demais ritos fúnebres necessários (Il. XVI. 666-683).

Os funerais de Pátroclo são os descritos mais detalhadamente por Homero. Em geral os ritos funéreos se iniciavam logo que a família tinha acesso ao cadáver, no caso de Aquiles ele somente oferece a Pátroclo os ritos fúnebres (*kêdeia*) depois de prometer trazer morto Heitor e fazer sacrifício de doze troianos, porque segundo ele, eram os causadores de morte do amigo (Il. XVIII. 333-337). Aquiles ainda faz o lamento fúnebre durar até o dia em que ele cumprir a sua promessa, forçando as escravas dardânicas e teucas a participarem do lamento. Em seguida pede aos companheiros que limpem todo o sangue e poeira o cadáver de Pátroclo, e depois de ungi-lo com óleo, o

coloquem no leito fúnebre (*Klíne*), cobrindo-no com um manto de linho branco (Il. XVIII. 339-355). O Lamento fúnebre de Pátroclo incluiu o lamentar de Briseide, seus companheiros e outros chefes aqueus (Il. XIX. 282-302).

Para que o corpo de Pátroclo se tornasse incorruptível (não entrasse em estado de putrefação e assim atraísse animais) até a volta de Aquiles com o cadáver de Heitor em mãos, a deusa Tétis enche o corpo de Pátroclo com néctar e ambrosia (Il. XIX. 37-39). E depois de travada a luta com Heitor, matando-o Aquiles retorna ao acampamento acaio pede que os Mirmídones também participem do lamento à Pátroclo enquanto se realiza as honras funéreas devidas (Il. XXIII. 6-10).

O banquete funéreo (*perídeipnon*) começa a ser preparado com muitas ovelhas, bois e cabras (Il. XXIII. 30-34). Depois do banquete à noite todos se recolheram (Il. XXIII. 56-58). Aquiles adormece e sonha com Pátroclo pedindo que sejam realizados os quanto antes os devidos ritos para que ele possa descansar e faz um pedido, que os restos mortais de ambos fiquem encerrados na ânfora de ouro que Têtis presenteou a Aquiles. (Il. XXIII. 62-92).

Com dia claro, iniciou-se a tarefa de buscar madeira para a construção da pira de Pátroclo no local que Aquiles escolheu para ser o túmulo do amigo. Construída a pira, o cadáver de Pátroclo é levado de maneira solene do acampamento em cortejo fúnebre (*ekphorá*), é colocado na pira e todos os amigos colocam sob o corpo um pedaço de cabelos, inclusive Aquiles (Il. XXIII. 114-153). Segundo Vernant (1978) os gregos associava o cabelo a vitalidade de seu dono, partindo desse ponto de vista, observamos que aos companheiros oferecer mechas de seus cabelos à Pátroclo tem como conotação a oferta da vitalidade e juventude.

Aquiles faz sacrifícios sob o corpo de Pátroclo, com bois e ovelhas, e com a gordura desses animais unta todo o corpo do amigo, colocando a carne em volta do cadáver. No leito fúnebre também coloca duas ânforas contendo leite e mel (*loutróphoros*). E com o corpo já sendo cremado Aquiles atira às chamas ainda quatro cavalos, dois cães e doze teucros (Il. XXIII. 161-176). Após o fogo queimar a pira toda a noite, logo ao amanhecer Aquiles apaga o fogo com vinho, recolhe os ossos de Pátroclo e os depositam na urna cobrindo-os com muita gordura. Depois armaram um tenda com linho branco e descansaram a urna enquanto o túmulo era cavado onde se encontravam as sobras da pira (Il. XXIII. 192-256).

Após ter o monumento fúnebre erguido para Pátroclo, Aquiles institui os jogos em honra do amigo, começando pela apresentação dos prêmios: caldeiras, trípodes, animais, escravas, ferro e muitos espólios de guerra. Sendo que a premiação era diferenciada para os primeiro, segundo e terceiro lugar nas competições (Il. XXIII. 257-270). As disputas ocorreram através da corrida de carros (Il. XXIII. 262), pugilato (Il. XXIII. 653), corrida (Il. XXIII. 748-751), luta armada (Il. XXIII. 802-808), lançamento de “globo” (Il. XXIII. 826-835), arco e flecha (Il. XXIII. 852-858) e lançamento de dardo (Il. XXIII. 884-888).

Os jogos fúnebres eram realizados com o intuito de tornar o peso do luto menor e reforçar a introdução do falecido na memória coletiva, podemos perceber isso através do comportamento de Aquiles ao dar a Nestor um prêmio sem este ter participado de nenhuma competição, ao entregá-lo profere as seguintes palavras: “Toma, Nestor venerado; conserva este prêmio valioso, como lembrança do enterro de Pátroclo, e nunca mais hás de entre os Aquivos revê-lo” (Il. XXIII. 618-620). Inclusive durante os jogos em honra de Pátroclo outros jogos fúnebres são lembrados, como o de jogos fúnebres de Amarinceu (Il. XXIII. 629-631) e de Édipo (Il. XXIII. 677-680).

Aquiles fez todos os ritos funéreos necessários à Pátroclo. Com o cadáver de Heitor, Aquiles se comportará de maneira totalmente contrária, vai procurar ultrajá-lo e desonrá-lo de todas as maneiras possíveis. Porém, mesmo quando estava sendo ultrajado por Aquiles, Heitor teve proteção divina, pois:

*apesar das ameaças, do corpo de Heitor os cachorros
não se acercavam, que longe os mantinha, constante, Afrodite,
filha de Zeus, a qual o unge com óleo fragante
e divino para não ser lacerado ao tirá-lo de rojo o Pelida.
Fez Febo Apolo, também, que o céu para a terra baixasse uma nuvem
cerúlea que logo por sobre o lugar se distende onde o cadáver
se achava, impedindo que o sol, desse modo, lhe ressecasse a epiderme
ao redor dos tendões e dos músculo.
(Il. XXIII. 184-191)*

Podemos perceber que o ultraje ocorreu, mas os deuses impediram que o seu corpo fosse corrompido porque o corpo mesmo sem vida precisaria apresentar vitalidade. A vitalidade é percebida quando é retardado o processo de putrefação. Em relação à quantidade de dias que foram realizados os ritos funéreos de Heitor, Príamo nos dá a seguinte dica, pois incluindo o trabalho de procurar e trazer lenha para dentro dos muros de Tróia: nove dias para lamentação fúnebre, um dia para sepultá-lo e

oferecer banquete funéreo, um dia para erguer a sepultura, em um total de onze dias (Il. XXIV. 660-668). Se formos fazer um breve paralelo. Os funerais de Heitor duraram exatamente a quantidade de dias em que ele foi ultrajado por Aquiles.

O corpo de Heitor é lamentado, pois “arrepelando os cabelos, a esposa querida e a mãe velha. Chora ao redor, todo o povo, enquanto elas o rosto lhe afagam” (Il. XXIV. 711-712). O cadáver é colocado no leito funéreo e continua a receber o lamento fúnebre. Enquanto o corpo de Heitor recebia o lamento, era providenciado lenha para a pira sagrada, o que durou nove dias. Depois da pira pronta o corpo “sobre a fogueira o colocam e a chama incansável acendem” (Il. XXIV. 787). Ao amanhecer apagam a fogueira com vinho e recolhem os ossos do herói troiano, os colocam envoltos em tecidos púrpuras em uma urna de ouro e por fim depositam a urna funerária no sepulcro. O túmulo é marcado por blocos de pedra e terra. Dando prosseguimento o funeral, todos se encaminham para participarem do banquete funéreo. (Il. XXIV. 790-804).

Até aqui observamos o ultraje como fonte de ameaça e com sombra funesta que enche de aflição a alma do grego. Também enfocamos trechos da Ilíada em que o ultraje quase ficou em vias de ocorrer, em outros casos grupos inteiros de teucros e aqueus realizaram uma verdadeira batalha na guerra de Tróia para impedir que alguém sofresse o ultraje. Porém o que vamos abordar a seguir é a concretização do ultraje. Até porque o ultraje quando se localiza somente no âmbito das intenções não constitui uma ofensa (MALTA, 2006), mas realizar esse intento sim, é ofensivo, repulsivo e degradante. Para o grego e os deuses descritos em Homero, ultrajar o cadáver de um inimigo é um castigo que mais forte que a própria morte. Vamos compreender melhor ao conhecermos algumas passagens da Ilíada em que o ultraje foi efetivado.

Percebemos que dar os devidos ritos fúnebres incluem limpar o cadáver, fechar as feridas, ressaltando assim a forma que o indivíduo tinha em vida. Homero no Canto IV da Ilíada menciona que os soldados aqueus e troianos estavam sem vida na poeira (Il. IV. 543-545). Deixar um corpo abandonado coberto de terra é uma maneira de ultraje, valendo lembrar que Homero se refere a acaios e teucros; ou seja, tal ultraje foi passível de ocorrer nos dois lados da guerra. Ficar insepulto durante um pequeno período e ficar coberto de poeira era um tipo de ultraje que todo combate tinha a consciência que poderá sofrer (Malta, 2006).

Segundo Vernant (1978,) outra via para ultrajar o cadáver do inimigo é desmembrando-o, pois dessa maneira tiraria a sua forma, deixando o inimigo sem toda e qualquer semelhança humana com quem ultraja, pode-se recorrer até mesmo a animais para a acelerar o processo de deformação e existência do cadáver. Aquiles recorreu a esse procedimento quando lutava contra os teucros à beira do rio Xanto no Canto XXI, onde lançava os cadáveres dos troas mortos por ele, inclusive Asteropeu, abandonando-o no rio “[...] cujo corpo a água escura da margem recobre. Em pouco tempo cercaram-no peixes, enguias vorazes, para lamber-lhe a gordura e à volta dos rins se acumula” (Il. XXI. 202-204). E assim com outros teucros Aquiles procedeu pois desejava que servissem, nesse caso, de alimento para os peixes (Malta, 2006).

Permitir que o ultraje ocorresse com a ajuda de outros animais era possível, como cães, abutres e outras aves. Apesar de Homero na *Ilíada* não descrever ou mencionar nenhum ultraje envolvendo alguns desses animais. Porém o temor em relação a eles era constantemente citado pelo poeta como vimos anteriormente.

Outra maneira de deformar o cadáver do inimigo é arrastar o corpo do inimigo porque assim ficaria coberto de poeira, sem brilho a pele sem brilho e dilacerada. Justamente o contrário do *gêras thanónton* (glórias da morte) que é ser limpo e purificado (Vernant, 1978). Da mesma maneira se comportou Aquiles a fim de realizar o seu intento. Ao matar Heitor e ultraja o seu cadáver, permitindo que os Aquivos firssem o corpo com lança, e depois:

*fura-lhe os fortes tendões, dos dois pés,
do calcâneo aos maléolos, por onde passa um tira
de couro de boi, muito forte, que prende ao carro,
deixando a cabeça tocar no chão duro. Logo subiu para o assento
e, omando armadura magnífica, com chicotada
os cavalos desperta, que partem velozes.
Poeira levanta o cadáver, de rojo no chão;
os cabelos bastos e escuros se esparzem; na terra,
a cabeça que fora tão majestosa,
se afunda, que Zeus ao inimigo entregara,
para que fosse ultrajada no próprio torrão da nascença.
Mancha-se a bela cabeça, desta arte, na poeira.
(Il. XXII. 395-405)*

Depois de trazer o corpo arrastado de Heitor e colocá-lo próximo ao leito fúnebre de Pátroclo, Aquiles começa a “infligir ultrajes ao cadáver” (Il. XXIII. 24). Com o fim dos jogos fúnebres em honra de Pátroclo, Aquiles amarra o corpo de Heitor no fundo de seu carro e o arrasta ao redor do túmulo do amigo por três vezes, deixando-

o de braços na areia (Il. XXIV. 15-18) e o ultraje ao cadáver seria ainda continuado por onze dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BURKET, Walter. *Religião grega na época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire de mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1977.

HAVELOCK, Erick. *Prefácio à Platão*. Campinas: Papyrus, 1996.

HOMERO. *Ilíada* (Tradução de Carlos Alberto Nunes). 2ª Edição. São Paulo: Ediouro, 2009.

MALTA, André. *A Selvagem perdição: Erro e ruína na Ilíada*. São Paulo: Odysseus, 2006.

_____. *O Resgate do Cadáver: O Último Canto da Ilíada*. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCH/ USP, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado*. In: Revista Discurso, n 09, 1978, EDUSP, São Paulo. P. 40.